

# Enigmas do Pensamento Latino-Americano

*Octávio Ianni*



Texto disponível em [www.iea.usp.br/artigos](http://www.iea.usp.br/artigos)

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente as posições do IEA/USP.

# Enigmas do Pensamento Latino-Americano

*Octávio Ianni*

## 1. PRÓLOGO

Em épocas de crise, quando se abalam os quadros sociais e mentais de referência de indivíduos e coletividades, são muitos os que se põem a pensar e repensar os problemas e os dilemas que inquietam indivíduos e coletividades, povos e nações. Em pouco tempo, como que atingidos por uma obsessão obstinada, uns e outros, em diferentes setores sociais, empenham-se em compreender ou explicar as realizações e os impasses, as condições e as possibilidades, as frustrações e as ilusões que marcam e demarcam a história e o pensamento latino-americano e caribenho. Devido à sucessão e contemporaneidade de situações mais ou menos similares, em diferentes países, são muitos os que se empenham em compreender e explicar, equacionar formulações alternativas, relativamente a problemas e dilemas da realidade histórica, em suas implicações sócio-culturais e político-econômicas. Daí uma espécie de movimento pendular interminável, entre o realista e o amargo, a decepção e o ilusório, o histórico e o ideológico. São inquietações freqüentes, semelhantes e diferentes, mas recorrentes; contextos envolvendo relações, processos e estruturas de dominação e apropriação que se desenvolvem em âmbito nacional, regional e mundial.

É muito provável que essas peculiaridades da história e do pensamento, em suas realizações e frustrações, sejam o que há de mais característico da modernidade latino-americana e caribenha. Uma modernidade entre barroca e mágica, indo-americana e afro-americana, ibérica e ocidental, original e esquizofrênica.

É assim que essas nações, cada uma a seu modo, e todas como se fossem um concerto de grande envergadura, se constituem como processos históricos e mentais, realidades sociais em devir, possibilidades de realização e criação. Em todos os casos, e em todas as épocas, compreendendo tanto o colonialismo e o imperialismo como o globalismo, o que está em causa é o enigma envolvido no contraponto pensamento e pensado, conceito e metáfora, categoria e alegoria. Subsiste sempre a impressão de que o pensamento, em suas várias e diferentes modalidades, não apreende o que realmente está ocorrendo, quais são os problemas e os dilemas cruciais. É como se o processo de conhecimento se

intimidasse diante do que pode revelar o esclarecimento. Alguns se intimidam com o que se vê, taquígrafa e revela, porque não corresponde a idéias, modelos ou ilusões imaginários, emprestados de outras realidades. Outros, no entanto, podem fascinar-se com o que se vê, taquígrafa e revela, precisamente porque assim se desvendam outras, diferentes e fascinantes realidades, possibilidades e modos de ser, sentir, agir, compreender, explicar e fabular.

## 2. UM CONTINENTE EM BUSCA DE CONCEITO

No limiar do século 21, a América Latina continua em busca de uma visão de si mesma, algum significado essencial. Conforme tem ocorrido em várias épocas da sua história, outra vez ela se defronta com mais interrogações do que respostas, mais inquietações do que perspectivas. Pode ser vista como um continente, vasto arquipélago de nações diferentes e estranhas entre si, buscando a integração e vivendo a fragmentação, parecendo vertebrado e invertebrado. Mobiliza experiências e memórias, façanhas e derrotas, heróis e santos, monumentos e ruínas, em busca de alguma visão de si mesmo, significado essencial, conceito.

A América Latina pode ser vista como um vasto, complexo e movimentado laboratório de culturas e civilizações, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, etnias e racismos; compreendendo estruturas de dominação e apropriação, nativismo e nacionalismo, colonialismo e imperialismo; ingressando na época do globalismo. Parece um labirinto ou nebulosa, experimentando ciência e tecnologia, realizações e frustrações, ideologias e utopias.

Nasce em 1492, como Novo Mundo, transfigurando-se em América, Indo-América, Afro-América, Hemisfério Ocidental, *Nuestra América* e Labirinto Latino-Americano; além de outras denominações e transfigurações nacionais e continentais, revelando-se também nas ilhas e arquipélagos do Caribe, Antilhas. Parece um fragmento da cartografia mundial, no qual movem-se espaços e tempos, transformações e retrocessos, realizações e frustrações, golpes de Estado e revoluções. Parece uma e única, em sendo realmente múltipla e invertebrada, buscando-se contínua e reiteradamente nos espelhos da Europa e dos Estados Unidos da América do Norte, do tradicionalismo e da modernidade, do capitalismo e do socialismo. Um laboratório em constante ebulição, sem nunca configurar-se nem realizar-se plenamente. Movimenta-se como uma promessa constante, um devir permanente, atravessada por épocas e ciclos, estilhaçada por forças sociais e telúricas;

como se não encontrasse nunca a sua fisionomia; vagando ao acaso das configurações e movimentos do mercantilismo, colonialismo, imperialismo e globalismo, bem como de surtos de nacionalismo e regionalismo.

Sim, a América Latina parece nitidamente desenhada na história e geografia. Foi inventada pelo mercantilismo, modificada pelo colonialismo, transformada pelo imperialismo e transfigurada pelo globalismo. Nunca adquire sua plena fisionomia, seja como um todo, seja em suas nações. Está continua e reiteradamente determinada pelas configurações e os movimentos internacionais, transnacionais ou mundiais. Tanto é assim que vários dos seus países têm nomes de mercadorias; todos fundados como províncias do mercantilismo e entrando no século 21 como províncias do globalismo.

“América Latina vive en una incertidumbre de identidad, de denominación. Diversos sectores se identifican con distintas imágenes culturales. La identidad está asociada a una iconografía que expresa los conflictos coloniales y las estructuras sociales y de poder. En este conflicto de identidades se enfrentan los latinoamericanos al desprecio racial, a la discriminación e, incluso, al imperialismo cultural que a fines del siglo pasado (diecinueve) les sustrajo el derecho a un nombre genérico, el de llamarse simplemente América, obligándolos a subdeterminarse”.<sup>1</sup>

“La historia reciente de la América Latina es caótica, veloz, contradictoria. Coexisten el burro y el jet, la veladora a la virgen y la luz néon. (...) Por qué no hemos sido capaces de resolver aún nuestro problema fundamental, que es el de unir el crecimiento económico con la justicia social, y ambos con la democracia política? Por qué no hemos sido capaces de darle a la política y a la economía la continuidad que existe en la cultura?”<sup>2</sup>

Ainda não se sabe se a América Latina é um continente, um conglomerado de territórios e fronteiras, ilhas e arquipélagos; uma coleção de nações geradas por dentro e por fora do colonialismo, imperialismo e globalismo, atravessadas pelo escravismo, enraizadas no indigenismo, afro-americanismo, iberismo, europeísmo, americanismo e ocidentalismo. Parece uma nebulosa nítida e indecifrável, em movimento, em busca de fisionomia, significado, conceito. As forças sociais que a movimentam, transformam e transfiguram são simultaneamente internas e externas, umas vezes conjugadas, outras desencontradas, convergentes e estridentes.

---

<sup>1</sup> Miguel Rojas Mix, Los Cien Nombres de América (Eso que Descubrió Colón). Editorial Lúmen, Barcelona, 1991, pp. 23-24.

<sup>2</sup> Carlos Fuentes, El Espejo Enterrado, Fondo de Cultura Económica, México, 1992, p. 339.

“Na medida em que a América Latina se insere como área dependente no sistema econômico (...) mundial, o Continente se faz mais vulnerável às crises desse sistema. (...) Ditaduras e oligarquias são, em medida cada vez maior, emanações das forças que governam o Continente e que o governam de fora”.<sup>3</sup>

Esta é a idéia: a América Latina somente se revela quando é visualizada como um vasto laboratório de modos de vida e trabalho, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, tiranias e democracias, compreendendo castas e classes sociais, etnias e racismos, línguas e religiões, monumentos e ruínas, façanhas e ilusões.

Aí se experimentam novas formas de vida e cultura, combinando contribuições culturais aztecas, maias, quetchuas, aymaras, guaraní, tupís e outros; bem como de culturas africanas, além das ibéricas e outras européias; além de eslavas, árabes e asiáticas. Um laboratório complexo, heterogêneo, contraditório, simultaneamente polifonia e cacofonia; no qual germinam outras e novas possibilidades de ser, devir, criar e fabular. Essa América Latina na qual se inventam o Paraíso e Eldorado, a Civilização e a Barbárie, o escravo e o senhor, o gringo e o crioulo, o homem cordial e a antropofagia, a raça cósmica e a democracia racial, a teologia da libertação e o realismo mágico, o golpe de Estado e a revolução socialista, Martin Fierro e Macunaíma, Próspero e Caliban.

Desde uma perspectiva histórica ampla, além das aparências, os povos e as nações latino-americanas podem ser vistos como componentes de uma realidade geo-histórica, sócio-cultural e político-econômica surpreendente, simultaneamente articulada e fragmentada, vertebrada e invertebrada; mas altamente determinada pelas configurações e movimentos que se manifestam com os desenvolvimentos e transformações do capitalismo, visto como modo de produção e processo civilizatório; sempre em nome da “evolução”, “progresso”, “desenvolvimento”, “crescimento”, “emergência”, “racionalização”, “modernização”, “europeização”, “americanização”; compreendendo castas e classes, elites e setores sociais dominantes, estes apresentando-se geralmente como civilizadores e conquistadores; em face de castas e classes sociais, grupos e setores sociais subalternos, administrados, conquistados.

Nesse vasto e intrincado cenário, palco ou arena, no entanto aparecem semelhanças, convergências e contemporaneidades. Multiplicam-se e repetem-se formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, estruturas de dominação e apropriação, compreendendo

---

<sup>3</sup> Túlío Halperin Dongui, História da América Latina, trad. de Carlos Nelson Coutinho, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976, p. 210.

patrimonialismos, tais como caciquismo, gamonalismo e coronelismo; oligarquias locais, regionais e nacionais; de par-em-par com tradicionalismos e modernismos, reivindicações e rebeldias de setores sociais subalternos, revoltas e revoluções. Daí a formação do cardenismo, peronismo e varguismo, envolvendo certos momentos histórico-sociais cruciais do México, Argentina e Brasil, além de outros países. São experimentos que podem ser vistos como momentos excepcionais de projetos de capitalismo nacional, ensaiados como realizações originais de combinações excepcionais de forças sociais dominantes e subalternas latino-americanas.

Outro paralelismo, paradoxalmente antagônico, está expresso no destino de duas nações caribenhas, saídas do colonialismo espanhol em fins do século 19, quando Porto Rico e Cuba são incorporadas e submetidas à geopolítica norte-americana; sendo que Porto Rico tem sido contínua e sistematicamente subordinada a essa geopolítica, ao passo que Cuba rompe com ela a partir da revolução socialista iniciada em fins de 1959. Assim, Cuba e Porto Rico expressam duas soluções polares, radicalmente diferentes, do dilema soberania ou colonialismo, imperialismo ou nacionalismo, capitalismo ou socialismo. É claro que esse paralelismo antagônico ainda não terminou, como se observa no limiar do século 21. Mas é inegável que Porto Rico e Cuba simbolizam amplamente o destino de todos os países latino-americanos, compreendendo caribenhos e continentais.

E cabe lembrar, ainda, outro e diferente paralelismo, contaminado por antagonismos. O Chile, em 1970-73, realiza uma experiência socialista iniciada em termos parlamentares, garantindo as instituições herdadas do passado de democracia política e efetivando reformas e transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, no caminho do socialismo. A Nicarágua, por seu lado, em 1979-89 mobiliza suas experiências anteriores, carregadas de somozismo, isto é, despotismo e imperialismo, realizando a revolução sandinista, a caminho do socialismo. Nos dois casos, no Chile e na Nicarágua, o experimento socialista foi desestabilizado, satanizado e destruído pelas agências do imperialismo norte-americano, em associação com as elites, setores sociais e classes dominantes nativas.

Além desses, são vários e notáveis os outros paralelismos possíveis, edificantes e amargos, com os quais se traça e retraça a cartografia dos povos e nações latino-americanas. Nesses anos e décadas, multiplicam-se perspectivas e experimentos, progressos e retrocessos, distorções e mutilações, em geral decisivamente influenciados ou determinados pelas agências da geopolítica norte-americana, iniciada em novos moldes com a Guerra Fria posta em prática desde 1946. É também assim que se continua a fabricar

e refabricar a América Latina vertebrada e invertebrada, na qual se movem indivíduos e coletividades, etnias e classes sociais, movimentos sociais e reivindicações, protestos e revoltas, em busca de emancipação.

Este é o enigma: a América Latina se configura como uma realidade geo-histórica, político-econômica e sócio-cultural complexa, heterogênea, contraditória e errática. A despeito dos diferentes nomes que tem recebido, ou ostente, continua parecendo volátil, atravessada por situações e acontecimentos que não cabem neste ou naquele conceito, ou que o extrapolam: América Latina, Ibero-américa, Indo-américa, Afro-américa, Hemisfério Ocidental, Nuestra América; depois de ter sido Índia Ocidental, Novo Mundo, Paraíso, Eldorado, América. Chamou-se América em homenagem a Américo Vespúcio, quem teve a clareza sobre o descobrimento que Cristóvão Colombo não soube nomear; descobrimento do continente que faltava no mapa do mundo, para compor os quatro continentes e a cartografia indispensável para a dinamização do mercantilismo e cristianismo, contribuindo assim para a gênese do ocidentalismo. São muitas as denominações com as quais se busca constituir esse “continente”. Multiplicam-se os nomes, no infindável esforço de taquígrafar e constituir um ente geo-histórico simultaneamente evasivo e evidente; que ainda parece tão incógnito que para ser nomeado precisa ser apontado com o dedo. Um ente simultaneamente real, rebelde e fugaz, sempre transbordando deste ou aquele nome; evadindo-o.

Daí a impressão de que há sempre algum hiato entre a palavra e a coisa, o conceito e o seu objeto, o pensamento e o pensado. Seja porque o objeto é intrincado e evasivo, seja porque o pensamento ainda não encontrou a sua perspectiva mais fecunda. Enquanto forma de autoconsciência da realidade e, simultaneamente, constitutivo dessa realidade, o pensamento tateia errático, ao acaso do jogo das forças sociais internas e externas do continente. E como essas conjunções são poderosas, sub-reptícias ou estridentes, opondo-se, mesclando-se e negando-se, daí resulta a impressão de que esse continente continua buscando conhecer-se, reconhecer-se, configurar-se, mover-se; ou inserir-se mais nitidamente nas configurações e nos movimentos geo-históricos.

### **3. A METÁFORA DO ESPELHO**

São muitos os estudiosos de problemas latino-americanos e caribenhos que contribuem para esclarecer e, também, obscurecer o conceito de América Latina. São latino-americanistas ou terceiro-mundistas de diferentes países e continentes,

“estrangeiros” e “nativos”, dedicados a descrever, compreender e explicar diferentes aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, históricos, geográficos, demográficos, psicológicos, intelectuais ou outros, deste ou aquele setor social, país ou da América Latina e Caribe como um todo.

O que é muito freqüente, no entanto, é que muitos refletem sobre os problemas desde alguma perspectiva social, histórica ou ideológica, em geral adotando aberta ou implicitamente algum “modelo”, parâmetro ou ideal, com freqüência “europeu” ou “norte-americano”, reconhecendo-se que são diferentes os modelos imaginários ou reais europeus e norte-americanos.

São poucos os que se despojam deste ou aquele modelo, da perspectiva deste ou aquele setor social, “nacional” ou “estrangeiro”, colocando-se equidistantes, em busca de um esclarecimento original, mais convincente, sobre as relações, os processos e as estruturas de dominação e apropriação, integração e fragmentação, que constituem o tecido e os movimentos da sociedade; desvendando as determinações internas e externas que constituem, movem e comovem as configurações e os movimentos da realidade.

O que tem predominado, entre uns e outros latino-americanistas ou terceiro-mundistas, “nativos” e “estrangeiros”, é o olhar emprestado de elites governantes e classes dominantes nacionais ou latino-americanas; quando não predomina o olhar emprestado de elites governantes, classes dominantes, corporações transnacionais e até mesmo organizações multilaterais cujos dirigentes e funcionários com freqüência se colocam como agentes “civilizadores”. Em geral empenham-se em esclarecer o “atraso”, o “subdesenvolvimento”, a “periferia”, a “marginalidade”, a “pobreza”, a “miséria”, o “autoritarismo”, a “instabilidade política congênita”, a “modernização precária”, a insuficiente “revolução de expectativas”, o “latifundismo”, o “patrimonialismo”, a “violência”, o “narcotráfico”, a “sociedade civil invertebrada”, os “atores sociais débeis”, e outras “características” congênitas, próprias ou exclusivas dessas coletividades, povos e nações.

Raramente se questionam sobre a presença, importância e força das determinações externas, remanescentes do colonialismo e do imperialismo na dinâmica do globalismo ou neoliberalismo; precisamente na constituição, preservação e reiteração dessas “características”, “limitações” ou “distorções”. Abstraem traços, eventos e situações das suas reais condições histórico-sociais, político-econômicas, nas quais mesclam-se e articulam-se as determinações internas e externas. Tanto abstraem, que no limite as condições adversas em que vivem indivíduos e coletividades, povos e nações, são



atribuídas a esses mesmos indivíduos e coletividades, povos e nações; o que implica na criminalização das vítimas, tornar as vítimas responsáveis por suas condições adversas; o que se traduz na inocente metáfora do “círculo vicioso da pobreza, atraso, subdesenvolvimento, etc. etc.” Daí a consequência mais óbvia: necessitam de ajuda, assistência técnica e financeira, proteção, tutela; sempre desde os interesses prevaletentes entre os donos do poder político-econômico e sócio-culturais, articulando elites e classes dominantes nacionais e transnacionais, oligárquicas e “esclarecidas”.

Essa visão pragmática, tecnocrática ou simplesmente ideológica, em geral fundada na razão instrumental, está presente em distintos artigos e livros, monografias e ensaios, “latino-americanos” e “estrangeiros”, nos quais algumas formulações transmitem a impressão de que os seus autores pensam, compreendem ou explicam as situações, os eventos ou as realidades como se fossem “heróis civilizadores”. Esquecem ou lidam fragmentariamente com as condições sócio-culturais e político-econômicas reais em que se encontram amplos setores da população. Apesar da mensagem ou intenção compreensiva, ou mesmo edificante, contribuem para o aprimoramento do famoso discurso dos donos do poder, sempre empenhados em mudar algumas coisas de tal modo que nada se transforme.

Daí a ausência de determinados temas, problemas e realidades, com os quais se debatem cotidianamente os latino-americanos, em âmbito local, nacional, regional e continental: imperialismo e globalismo; geopolítica e cultura da violência; desestabilização de governos e regimes políticos ou contra-revolução permanente; autoritarismo e militarismo; criminalização da sociedade civil por meio de técnicas de combate à violência e ao narcotráfico; terrorismo de Estado e organizações para-militares; reforma do Estado e efetivo desmonte de projetos nacionais, capitalistas e socialistas, simultaneamente ao desmonte de conquistas do Estado do bem-estar social. São muitos os estudos nos quais não há referências a esses e outros temas, problemas ou realidades; ou os mencionam como anomalias de sociedades “subdesenvolvidas”, “periféricas”, “patrimoniais”, carentes de “democracia”, de “atores sociais” menos débeis. Essas são aflições ressoando freqüentemente em escritos de cientistas sociais e escritores.

Não é por acaso que A Guerra do Fim do Mundo, de Mário Vargas Llosa, está narrada desde a perspectiva do fazendeiro, desde o alpendre da casa grande, temperada pelo ponto de vista de um anarquista não só abstrato como também anacrônico; ambos, o anarquista e o fazendeiro, alheios ao universo social e humano em que se movem, como se fossem porta-vozes de alguém incapaz de captar o pathos escondido nos acontecimentos. A

gesta dos sitiados paupérrimos, dos humilhados e ofendidos do sertão, que são massacrados por quatro expedições militares, essa gesta permanece em segundo plano, como cenário pitoresco, exótico ou folclórico, no qual circulam e flutuam os argumentos e as práticas dos que mandam.

O contraste com Os Sertões de Euclides da Cunha é evidente, total, estridente. Neste, aos poucos o narrador é agarrado, como em um vendaval, pela gesta daqueles sitiados paupérrimos, trabalhando e vivendo em comunidade, mas que são combatidos, massacrados, mutilados. Daí o pathos épico tomando conta do leitor, fascinando e assustando a sua sensibilidade e a sua compreensão; desafiado a compreender o “outro”, explicar-se quem são e porque são assim os “outros”. Ocorre que, em Os Sertões, Euclides da Cunha narra desde a perspectiva daqueles que vivem, trabalham, alegram-se e desesperam-se; sonhando que o mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar.

Em O Espelho Enterrado de Carlos Fuentes, o leitor se defronta contínua e reiteradamente com a metáfora do espelho, na qual o latino-americano, ou nacional deste ou aquele país da América Latina e Caribe, somente consegue ver-se no reflexo do espelho dos outros, ibéricos, franceses, ingleses, norte-americanos. A metáfora “espelho de Próspero” inspirada nos escritos de José Enrique Rodo no início do século 20, alude a Próspero, conquistador e colonizador, europeu ou norte-americano, no contraponto com Caliban, transfiguração de canibal, nativo, conquistado, colonizado; metáfora essa retomada por outros, inclusive por Richard Morse, em O Espelho de Próspero. Sim, o espelho é uma metáfora que se revela a personagem principal de O Espelho Enterrado, mas continuamente desenterrado, refletindo os séculos da história; comemorando o quinto centenário da descoberta e conquista do Novo Mundo; refletindo os diferentes parâmetros ou modelos nos quais diferentes setores das classes dominantes e elites latino-americanas parecem continuar a espelhar-se. À medida que se caminha na leitura do ensaio, ricamente ilustrado, o leitor entra cada vez mais fundo em um labirinto de espelhos, simultaneamente ibérico, francês, inglês ou europeu e norte-americano. Refletem idéias, doutrinas, teorias, modelos e ideologias, de modo equidistante, isento, eclético, de tal modo que o leitor pode sentir-se como se estivesse em uma cartografia na qual os territórios não se limitam por fronteiras, desigualdades sócio-culturais e político-econômicas; nem reais nem imaginárias.

“Quiénes somos nosotros, los que hablamos español, los miembros de esa comunidad hispánica pero rayada de azteca y africano, de moro y judío? (...) Ante todo, sepamos alimentarnos y educarnos a nosotros mismos; se lo hacemos, acaso podamos,

finalmente, convertirnos en sociedades tecnológicas modernas con fundamentos. Pero si la mayoría de nuestros hombres y mujeres continúan fuera del proceso del desarrollo, desnutridos y analfabetos, nunca alcanzaremos la verdadera modernidad”.<sup>4</sup>

Em Palavra e Sangue, sobre política e sociedade na América Latina, Alain Touraine realiza uma longa descrição de problemas e atores latino-americanos, em busca de uma América Latina “nem excessivamente pessimista nem excessivamente otimista”, mas uma “América Latina tal como existe por si mesma”. Debruça-se sobre diferentes aspectos da realidade latino-americana contemporânea, mapeando problemas, movimentos sociais e atores. Aí aparecem movimentos sociais agrários e urbanos, regimes políticos populistas e militaristas, guerrilhas e revoluções, democracias e tiranias. Cartografa boa parte da realidade sócio-política latino-americana, transmitindo uma coleção de impasses e fracassos, bem como algumas possibilidades de êxito, desde que a América Latina consiga superar “a ausência de atores sociais como uma autonomia de ação suficiente”. Note-se a atitude, ou ideologia, simultaneamente compreensiva e “civilizatória”. A rigor, uma visão sincrônica, sistêmica, pragmática, freqüente em latino-americanistas ou terceiro-mundistas “nativos” e “estrangeiros”.

“Deve-se lembrar que não podem existir instituições representativas se não houver, na base, atores sociais representativos. A democratização não pode ser definida como a passagem do caos à lei ou da massa ao governo. Ela supõe a organização preliminar de demandas sociais e a autonomia de ação de associações, de sindicatos ou de outros grupos interessados. (...) Se a Europa Ocidental e a América do Norte conheceram durante tanto tempo uma democracia estável, é porque o jogo democrático opôs, nestas regiões, forças políticas que representavam classes sociais em conflito e porque estas lutas sociais puderam exprimir-se diante de uma opinião pública mais ampla do que os partidos políticos, a imprensa e as associações. (...) A principal fragilidade da democracia na América Latina é a ausência de atores sociais com uma autonomia de ação suficiente. (...) Mesmo quando os atores são fracos, ausentes ou desarticulados, é sempre em termos de atores e de capacidade de ação que se colocam os problemas da América Latina”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Carlos Fuentes, El Espejo Enterrado, Fondo de Cultura Económica, México, 1993, pp. 380 e 387.

<sup>5</sup> Alain Touraine, Palavra e Sangue, trad. de Iraci D. Poleti, editora da Unicamp, Campinas, 1989, pp. 504 e 538.

A América Latina descrita por Alain Rouquié é apresentada como uma “introdução ao Extremo-Occidente”, um manual de sociologia da América Latina, no qual o aparato crítico está reduzido ao mínimo, sem prejuízo do ideológico. De fato, aí predomina a “descrição”, como se descrever fosse um modo de ser inocente; sintetizando elementos geográficos, históricos, econômicos e políticos, compreendendo aspectos institucionais, tais como religião, forças armadas, ideologias; bem como um capítulo sobre o pan-americanismo e a supremacia norte-americana, com referências à Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Aí praticamente não aparecem as revoluções nacionais e sociais, nem o socialismo, como temas importantes ou de alguma importância. As tensões e os conflitos sociais são apenas referidos, em geral no curso de capítulos sobre outros assuntos. As revoluções cubana e sandinista, bem como outros movimentos revolucionários no Peru, Guatemala, El Salvador e outros países são mencionados como “estratégias de socialismos crioulos”. O governo socialista de Salvador Allende no Chile, em 1970-73, é referido ocasionalmente, em diferentes capítulos sobre outros assuntos.

“Le panorama du sous-continent aujourd’hui présent autant d’ombres que de lumières, d’incertitudes que d’assurances de lendemains radieux. (...) Le mirage de l’Europe et des États-Unis, bref de l’Occident, l’empêche d’assurer plus que jamais sa précieuse bâtardise”.<sup>6</sup>

Vale a pena observar que em alguns latino-americanistas ou terceiro-mundistas a profusão de metáforas implica principalmente em esquecer realidades, problemas, impasses; transformando a narrativa, como em O Espelho Enterrado, de Carlos Fuentes, e em América Latina, de Alain Rouquié, em uma engenhosa e longa ideologização.

São ainda muito mais numerosos os estudos realizados por norte-americanos, nos quais os seus autores se propõem esclarecer e formular diretrizes, em face da “instabilidade política latente, aberta e permanente”, compreendendo “condições político-econômicas e sócio-culturais difíceis”, que atingem milhões no campo e na cidade. Em geral tomam tranquilamente, como parâmetro, modelo ou ideal, a “democracia” norte-americana; mas pouca ou nenhuma atenção se dedica às práticas colonialistas e imperialistas, tanto quanto às mais recentes globalistas ou neoliberais, que fabricam desigualdades crescentes em todas as partes da América Latina e Caribe. Poucas ou mesmo ausentes as referências às corporações transnacionais que se expandem com o globalismo e o neoliberalismo. São

---

<sup>6</sup> Alain Rouquié, Amérique Latine (Introduction à l’Extrême-Occident), Editions du Seuil, Paris, 1998, pp. 469 e 475.

raras ou ausentes as referências aos movimentos, projetos e revoluções com os quais se esboçam, instalam e mesmo desenvolvem experimentos sociais originais e alternativos; em geral satanizados como “populistas”; esquecendo a geopolítica da contra-revolução permanente orquestrada pela diplomacia total norte-americana.<sup>7</sup>

Em diferentes linguagens e distintos momentos, há latino-americanistas “estrangeiros” e “nacionais” que se revelam muito mais ideológicos do que cientistas sociais. Apesar das intenções edificantes, suas interpretações e diretrizes levam com frequência algum contrabando ideológico, no qual se reflete algum modelo emprestado, sem uma reflexão objetiva sobre os jogos de forças sociais, os processos e estruturas de dominação e apropriação, compreendendo as adversidades, inquietações e ilusões de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais.

Aqui, outra vez, coloca-se o desafio: o mesmo pensamento que descreve, compreende, explica ou nomeia, participa decisivamente da constituição do objeto, seja esta coisa, gente ou idéia. Assim, o pensamento social pode ser visto como uma forma de autoconsciência da realidade, elaborando códigos ou taquígrafias, com os quais participa da formação do objeto, conferindo-lhe fisionomia e movimentos, modo de ser e devir. Quem nomeia, constitui, articula e significa o nomeado, seja este real ou imaginário. Conforme diz Hegel, a realidade que não está no conceito permanece indefinida, episódica, quimérica, fugaz.

Mas essa mágica da palavra pode aplicar-se tanto à interpretação científica como à ideologização da realidade. Esse risco está sempre à espreita, como se fosse um surpreendente ardid da razão. A mesma razão que esclarece, compreende e explica, recobre, mutila, obscurece. Quando permanece no nível das aparências, das partes invertidas, das singularidades exóticas, a reflexão pode tornar-se prisioneira do que se observa, do que se vê, sem nunca apreender o segredo da realidade, os nexos constitutivos das formas de sociabilidade, dos jogos das forças sociais, em suas configurações e em seus movimentos, perdendo-se as possibilidades do devir.

---

<sup>7</sup> Abraham F. Lowenthal (Organização), Exporting Democracy (The United States and Latin America), The Johns Hopkins University Press, Baltimore, 1991; John W. Sherman, Latin America in Crisis, Westview Press, Boulder, Colorado, 2000; Richard D. Hillman (Organização), Understanding Contemporary Latin America, Lynne Rienner Publishers, Boulder, 1997; James L. Dietz (Organização), Latin America's Economic Development, 2a. edição, Lynne Rienner Publishers, Boulder, 1995; Charles W. Anderson, Politics and Economic Change in Latin America, D. Van Nostrand, Princeton, 1967.

#### 4. NAÇÕES E PROVÍNCIAS

O mais recente enigma da realidade e do pensamento, na América Latina e Caribe, é o reconhecimento de que o Estado-Nação está vivendo a sua mais grave crise, desde que formaram os estados nacionais. Quando se inicia o século 21, todas as nações estão profundamente abaladas, em suas estruturas e instituições, em suas formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, em suas condições de soberania e em suas possibilidades de construção de hegemonia.

De repente, de modo surpreendente, são muitos os que são levados a reconhecer que as tendências dominantes na esfera do Estado estão dissociadas das principais tendências da sociedade civil; que as elites governantes e as classes dominantes estão voltadas para os mercados mundiais, as exigências da transnacionalização, as imposições ou perspectivas do globalismo. Renascem e dinamizam-se processos e instituições de cunho colonialista e imperialista, por dentro do globalismo. Em poucas décadas, desde o início da Guerra Fria, em 1946, entrando pelo século 21, tudo se transnacionaliza, desterritorializa, muda de lugar; de conformidade com a reprodução ampliada do capital, transformando o mundo socialista em uma vasta fronteira de expansão do capitalismo. É como se os territórios e as fronteiras se deslocassem e diluíssem no curso do terremoto deflagrado com base na teoria, prática e ideologia do neoliberalismo.

Diante dos processos inexoráveis do globalismo, com os quais se rompem as bases, estruturas e instituições do nacionalismo, pouco significam as diretrizes e as operações destinadas a criar o regionalismo. A integração regional envolve sempre alguma acomodação com o globalismo, de modo a aliviar o seu impacto sobre o nacionalismo. Em geral, tem sido apenas uma acomodação precária e provisória, com a qual se busca reduzir o impacto da crise do Estado-Nação, do projeto nacional e da soberania. Mesmo porque as mesmas corporações transnacionais que estão desagregando o Estado-Nação estão presentes e ativas na esfera da integração regional, compondo elos, processos, estruturas e instituições, com os quais se articulam os poderosos e predominantes movimentos dos mercados, capitais e tecnologias, compreendendo inclusive os movimentos transnacionais da força de trabalho, atravessando tudo o que é local, nacional, regional e mundial.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> John Williamson, El Cambio en las Políticas Económicas de América Latina, trad. de Ana I. Stellino, Ediciones Gernika, México, 1991; Altamiro Borges (Organizador), Para Entender e Combater a ALCA, Anita Garibaldi, São Paulo, 2002; Raul Grien, La Integración Económica como Alternativa Inédita para América Latina, Fondo de Cultura Económica, México, 1994; Luis Fernando Ayerbe, O Ocidente e o

Em poucas décadas, o poderoso e indiscutível emblema Estado-Nação, Sociedade Nacional ou País, revela-se abalado em suas bases político-econômicas e sócio-culturais, psico-sociais e ideológicas, teóricas e práticas. Revela-se simplesmente uma província do globalismo, altamente determinada pelas relações, processos e estruturas de dominação e apropriação deflagrados com o novo ciclo de globalização do capitalismo; quando a reprodução ampliada do capital ingressa em nova escala de dinamismo e generalização, invadindo amplamente as economias e sociedades que se haviam formado com o socialismo.

Esse é o contexto histórico-social e mental diante do qual uns e outros, indivíduos e coletividades, classes sociais e grupos sociais, setores dominantes e setores subalternos, cientistas sociais e escritores, pensadores e artistas, em sua maioria, sentem-se desafiados a dar-se conta do terremoto que está em curso, esclarecer o que está acontecendo, descortinar alguma perspectiva; e reconhecer que o passado se dilui rapidamente nas sombras e nos interstícios da história e da memória, da nostalgia e do esquecimento.

“No Terceiro Mundo de hoje, ou no Sul do Mundo como se diz, a empresa transnacional é muito mais poderosa que o Estado-Nação no qual penetra e com o qual se associa. Se existem setores sociais ou zonas e pólos que se desenvolvem, fazem-no predominantemente em função das empresas transnacionais. As forças que antes equilibravam ou freavam o poder transnacional foram enfraquecidas ou anuladas”.<sup>9</sup>

“Las fuerzas que una vez, en la historia del capitalismo, construyeron al Estado, hoy, en una fase de expansión mayor, tienden a destruirlo. En esa batalla por fracturar los límites del Estado – batalla en el sentido propio del término, porque también existen fuerzas opuestas al desmantelamiento del Estado nacional – se combinan diversos factores: en primer término los grandes intereses económicos y financieros de las corporaciones. La “violência” que estos intereses aplican en contra de los Estados nacionales para “abrirlos” y “desregularizarlos”, a fin de que el capital globalizado penetre sin dificultad en las naciones más débiles, destruye propiamente los proyectos nacionales, o los intereses externos se apoderan de ellos para someterlos a sus fines y propósitos”.<sup>10</sup>

---

“Resto” (A América Latina e o Caribe na Cultura do Império), Clacso-Asdi, Buenos Aires, 2003; Wilson Cano, Soberania e Política Econômica na América Latina, Editora Unesp, São Paulo, 2000.

<sup>9</sup> Pablo González Casanova, O Colonialismo Global e a Democracia, trad. de Márcia C. Cavalcanti, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995, p. 106.

<sup>10</sup> Victor Flores Olea e Abelardo Marina Flores, Crítica de la Globalidad (Dominación y Liberación en Nuestro Tiempo), Fondo de Cultura Económica, México, 1999, pp. 154-155.

“El horizonte mundializado cambió a las naciones, los mercados y los medios. Ni siquiera se mueven en un solo sentido porque la globalización es multivalente: incluye negocios especulativos y también migraciones multitudinarias, intercambios fluidos, mayor penúria econômica y juicios internacionales por violación de derechos humanos”.<sup>11</sup>

Sim, está em curso um vasto terremoto, abalando não só territórios e fronteiras como também projetos nacionais, capitalistas e socialistas, todos os experimentos sociais alternativos; de tal modo que muitos, em todo o mundo, estão sendo desafiados a explicar quais são os processos que estão em curso, como modificam mais ou menos profundamente as bases sociais e mentais de referência de uns e outros. Daí as incertezas sobre o futuro e as angústias sobre o que teria sido o passado. Em poucas décadas, a história e as tradições, as façanhas e as derrotas, os heróis e os santos, os monumentos e as ruínas parecem desfazer-se nas sombras de escombros, perder a aura da mitologia, abandonando a fantasia.

O que sucede são inquietações, desencontros, aflições, tensões, lutas, explosões. A pretexto de combater a “violência”, o “narcotráfico”, e o “terrorismo”, de Estado e revolucionário, os grupos sociais e as instituições, as organizações públicas e as empresas privadas, as escolas e as igrejas, os condomínios e os auditórios, os eventos esportivos e os festivais, todos os lugares e espaços, grupos sociais e coletividades, passam a ser “protegidos”. “administrados”, “vigiados”. Aos poucos, de forma imperceptível e ubíqua, praticamente todas as esferas da sociedade civil são susceptíveis de suspeição, desordem, convulsão. Tudo o que parecia ordenado, desloca-se, muda de figura. Em lugar do “desenvolvimento” ou “progresso”, logo irrompe a incerteza, desencontro, retrocesso; parecendo realizar-se a alegoria dessa história, cartografada por Borges.

“El planeta había sido parcelado en distintos países, cada uno provisto de lealtades, de queridas memorias, de un pasado sin duda heroico, de derechos, de agravios, de una mitologia peculiar, de próceres de bronce, de aniversarios, de demagogos y de símbolos. Esta división, cara a los cartógrafos, auspiciaba las guerras”.<sup>12</sup>

Ocorre que está nascendo outra forma de sociedade, com outro tecido social, mobilizando outras relações, processos e estruturas de dominação e apropriação; compreendendo outros e diferentes quadros sociais e mentais de referência. À medida que

---

<sup>11</sup> Nestor García Canclini, Latinoamericanos Buscando Lugar em Este Siglo, Paidós, Buenos Aires, 2002, pp. 18-19.

<sup>12</sup> Jorge Luis Borges, Obras Completas, vol. III, Emecé Editores, Buenos Aires, 1989, p. 500; citação de “Juan López y John Ward”, do livro Los Conjurados, pp. 451-501.



se forma a sociedade civil mundial, movida por classes sociais, grupos e movimentos sociais, corporações transnacionais e estruturas mundiais de poder, tudo que era nacional, tanto quanto local, muda de lugar, significado; tanto a nação como o cidadão; abalando tanto a realidade como o imaginário.

Esse o contexto histórico, político-econômico e sócio-cultural de crescentes e generalizadas decepções e aflições, nas quais estão imersos muitos, a grande maioria, na América Latina, Caribe e outras partes do mundo. Em decorrência da tecnificação eletrônica dos processos de trabalho e produção, ou potenciação da capacidade produtiva da força de trabalho, bem como da elevada concentração da riqueza sob controle das corporações transnacionais, intensificam-se e generalizam-se as desigualdades sociais, de gênero, étnicas e geracionais.

“As taxas de desemprego, segundo estudo do BID, aumentaram em vários países da América Latina desde meados da década de 90 e, atualmente, se encontram no nível mais alto dos últimos 20 anos. O ganho de muitos trabalhadores é insuficiente para tirá-los da pobreza e a desigualdade salarial, que se situa entre as maiores do mundo, não dá sinais de melhora. O nível de desigualdade salarial nada mais é, de acordo com os economistas que fizeram o estudo, do que um reflexo da enorme desigualdade social. (...) A porcentagem de trabalhadores cobertos por leis trabalhistas e sistemas de proteção social é inferior a 50%. Os salários, por sua vez, outro indicador da saúde do mercado de trabalho, caíram ou aumentaram muito lentamente”.<sup>13</sup>

Esse o clima em que germinam as inquietações e as novas utopias, mobilizando paulatinamente indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais subalternos, em cada país e em toda a América Latina e Caribe.<sup>14</sup>

São principalmente três as tendências mais evidentes geradas por essas inquietações e busca de alternativas, anunciando outras utopias.

Primeiro, destaca-se um evidente e poderoso antiglobalismo. São muitos, não só latino-americanos e caribenhos, que se mobilizam em um antiglobalismo mais ou menos aberto, ativo e combativo.

---

<sup>13</sup> Vânia Cristino, “BID Avalia o Emprego na América Latina”, O Estado de São Paulo, 21 de outubro de 2003, p. B 16; resumindo relatório do BID, “Procuram-se Bons Empregos – O Mercado de Trabalho na América Latina”.

<sup>14</sup> José Seoane e Emilio Taddei (Compiladores), Resistencias Mundiales (De Seattle a Porto Alegre), Clacso, Buenos Aires, 2001.

Segundo, destaca-se uma tendência nitidamente comunitarista. São mobilizações empenhadas em recriar as bases sócio-culturais, político-econômicas, morais e ideológicas da comunidade. Há aí sempre os ecos de experiências sociais reais, pretéritas ou outras; mas também a nostalgia de outro mundo, de um mundo transparente, mesclando utopia e nostalgia.

Terceiro, por fim, é notável e crescente a mobilização e conscientização no sentido de promover a globalização desde baixo. À medida que uns e outros, indivíduos e coletividades, ou setores sociais subalternos, dentro e fora da América Latina e Caribe, dão-se conta de quais são e como são as relações, os processos e as estruturas de dominação e apropriação que constituem o globalismo, nessa mesma medida é que se mobilizam e organizam; conscientizando-se das condições e possibilidades da mudança, modificação, transformação ou transfiguração das condições político-econômicas, sócio-culturais, morais e intelectuais instituídas no contexto ou novo palco da história que se forma com o novo ciclo de globalização do capitalismo codificadas pela teoria, prática e ideologia do neoliberalismo. Esse o contexto histórico-social e mental em que germina a globalização desde baixo; ou mais propriamente, o neo-socialismo, com suas raízes, implicações e perspectivas mundiais.

## **5. O CONTRAPONTO TIPOS E MITOS**

São vários, notáveis e fecundos os paralelismos, as convergências, os contrapontos e os antagonismos que se multiplicam na gênese e nas transformações da América Latina, tomada como um todo e em suas diferentes nações. Confundem-se e tensionam-se realidades e ficções, conceitos e metáforas, categorias e alegorias, tipos e mitos. É como se a história fosse legível e ilegível, opaca e transparente, difusa e articulada, ubíqua e pervasiva.

Da mesma forma que pensadores latino-americanos, também pensadores de outras nações e continentes, empenham-se há muito tempo em compreender ou explicar a América Latina e o Caribe, como um todo e em suas diferentes nações, compreendendo indivíduos e coletividades, etnias e nacionalidades, tradições e modernidades. Grande parte da produção em ciências sociais, bem como na filosofia e nas artes, está relacionada com esse amplo e permanente empenho em compreender ou explicar as realidades históricas, político-econômicas e sócio-culturais que se desenvolvem em cada país e no conjunto do continente, ilhas e arquipélagos. A maioria dos estudos, monografias e ensaios, produções

e criações, está relacionada com o compromisso consciente ou inconsciente, explícito ou subjacente, de taquigrafar o que são, o que foram e o que poderiam ser essas realidades histórico-sociais, em seus modos de ser, pensamento e sentimento.

Em boa parte das produções e criações científicas, artísticas e filosóficas relativas a esse mundo histórico-social e mental, o que sobressai é o empenho em construir conceitos, modelos, esquemas, ou melhor, tipos, com os quais se busca significar a realidade neste ou aquele país, bem como no conjunto dos povos, nações e nacionalidades, em diferentes épocas, conjunturas, ciclos ou rupturas. São tipos mais ou menos enraizados na realidade deste ou aquele país, ou do conjunto latino-americano e caribenho; com os quais esse labirinto ou essa nebulosa parece adquirir fisionomia e movimento. Aos poucos, os tipos conferem a uns e outros, cientistas sociais, artistas e filósofos, assim como aos seus interlocutores, ouvintes e leitores, assim como aos meios de comunicação, a imagem, o significado, a vibração ou a taquigrafia do que é, foi ou pode ser esta ou aquela realidade, evento, realização, ruptura ou ilusão.

Essa é uma história que começa com Colombo e Vespúcio, Las Casas e Sepúlveda, Cortez e Cuauhtémoc, continuando pelos anos, décadas e séculos. Uma história na qual entram o inca Garcilaso de la Vega e todos os cronistas, viajantes, colonizadores e conquistadores, bem como muitos cientistas sociais, filósofos, romancistas, poetas, pintores, compositores, dramaturgos e cineastas.

São muitos, umas vezes convergentes e outras contraditórios, mas também complementares e reciprocamente referidos, os tipos que se constroem ou inventam ao longo da história e ao largo da geografia: Novo Mundo, Paraíso, Eldorado, Indo-américa, Afro-américa, Continente Mestiço, Hemisfério Ocidental, Nuestra América, Labirinto da Solidão. Sim, o labirinto da solidão está presente no título do ensaio de Octavio Paz sobre o México e no contexto do romance de Gabriel García Márquez, alegorias do que há de dramático e épico nas realizações, façanhas e ilusões desse novo mundo.<sup>15</sup>

Esse o contexto histórico-cultural em que nascem Próspero e Caliban, Robinson Crusoe e Sexta-Feira, assim como Cortez e Malinche, Tupac Amaru e Zumbí, Bolívar e Artigas, Cardenas e Peron, Sandino e Che Guevara, Fidel Castro e Salvador Allende. São

---

<sup>15</sup> Octavio Paz, El Laberinto de la Soledad, 5ª edição, Fondo de Cultura Económica, México, 1967; Gabriel García Márquez, El General en su Laberinto, 5ª edição, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1989; Octavio Ianni, El Laberinto Latinoamericano, tradução de Clara I. Martinez Valenzuela, Universidad Nacional Autónoma de México, 1997.

realidades e possibilidades, figuras e figurações, façanhas e ilusões, com as quais se taquígrafam situações, perspectivas, frustrações e horizontes perdidos.

Aos poucos, ou de repente, os tipos transfiguram-se em mitos, compondo tipologias e mitologias, impregnadas de categorias e alegorias. O que se apresenta como explicação, aos poucos ou repentinamente transfigura-se em fabulação. É como se fosse a magia da palavra, conceito ou categoria, metáfora ou alegoria, transfigurando a realidade, situação, acontecimento, história; ou inventando a realidade, situação, acontecimento, história. Assim se realiza a metamorfose do “labirinto”, ou “nebulosa”, em uma coleção de figuras e figurações, significados e cartografias, história e gestas, dramas e épicas; para edificação ou inquietação de uns e outros, indivíduos e coletividades.

Como disse Alejo Carpentier, o realismo maravilhoso, que sempre floresceu na literatura e em outras linguagens artísticas latino-americanas e caribenhas, tem sido o resultado de um compromisso decisivo e permanente de escritores e outros artistas empenhados em captar o que há de maravilhoso, mágico ou fantástico, insólito ou absurdo, na realidade, na história latino-americana e caribenha. E acrescenta, para ilustrar o seu argumento: qual o escritor que é capaz de inventar um Somoza? Referindo-se a toda uma linhagem de tiranos continentais e caribenhos; em geral acionados pelos interesses prevaletentes no imperialismo ou no globalismo.

Daí a riqueza excepcional da alegoria criada por Shakespeare em A Tempestade, quando desenvolve as figuras e figurações de Próspero e Caliban, compreendendo Ariel como mediação intelectual. São premonições excepcionais da alegoria criada por Hegel, em Fenomenologia do Espírito. Próspero e Caliban parecem ficções mas são realidades, surgem como personagens e transformam-se em pessoas; a despeito de comporem uma alegoria constituem-se como categorias; parecendo mitos e revelando-se tipos. Desde A Tempestade criada por Shakespeare, assim como desde a polêmica entre o frei Bartolomeu de las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda, sobre a humanidade e a civilização de astecas e maias, quetchuas e aymares, tupis e guaranis, além de outros povos do Novo Mundo, os indivíduos e as coletividades assim como os povos e as nações latino-americanas e caribenhas, jamais se livram da dialética escravo e senhor, colonizado e colonizador, dominantes e dominados, conquistadores e conquistados. São variações, modulações e polarizações das condições e possibilidades das consciências, desde a consciência em si à consciência para si. Essa é uma alegoria que se transforma contínua e reiteradamente em realidade, no curso da história de indivíduos e coletividades, classes sociais e grupos

sociais, etnias e gêneros; atravessando o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; entrando pelo século 21.

Uma das soluções intelectuais, científicas, artísticas ou mesmo filosóficas recorrentes, encontrada para essa surpreendente e persistente dialética de possibilidades e impossibilidades, é a invenção de “tipos” e “mitos”, que se distinguem e transmutam. Parecem resolver, ou elidir, o dilema e a antinomia. Para escapar ou superar o impasse, criam-se noções tais como: “raça cósmica”, “democracia racial”, “revoluções incruentas”, “homem cordial”, “monroismo”, “hemisfério ocidental”, “latino-américa”, “ibero-américa”, “indo-américa”, “afro-américa”, “dependência”, “mercados emergentes”. Em geral, assim se dissolvem as classes sociais e as lutas de classes, germinando as configurações e os movimentos da história.

Semelhantemente, esse tem sido e continua a ser o contexto histórico-social em que a figura de Ariel adquire diferentes e notáveis fisionomias. Ariel pode ser o “conselheiro do rei”, o “intelectual orgânico”, o “áulico” das castas ou classes dominantes, dos círculos do poder, aquele que contínua e reiteradamente apresenta aos donos do poder as idéias e os modelos, os esquemas e os estratagemas, com os quais aperfeiçoar as estruturas de dominação, as técnicas de produção e reprodução, administração e racionalização, indução e tutela dos setores sociais, classes e grupos subalternos. Pode ser sociólogo, economista, cientista político ou outro. Desde os tempos do colonialismo, atravessando o imperialismo e entrando pelo globalismo, são muitos os que se dedicam às sombras do poder, explicando, racionalizando, ideologizando, ou seja, contribuindo para que se modifiquem algumas diretrizes e práticas, de modo que nada se transforme. São figurações do arielismo, trabalhando sempre no espelho do europeísmo ou do americanismo, esquecendo ou menosprezando as condições e as potencialidades que se criam e recriam em cada uma e todas as sociedades nacionais latino-americanas.<sup>16</sup> O arielismo, visto como bovarismo, mimetismo ou espelhismo, relativamente a ideais ou realidades imaginárias européias e norte-americanas, está ressoando em Facundo, de Sarmiento, Os Sertões de Euclides da Cunha, Ariel de Rodó, A Ilusão Americana de Eduardo Prado, Insularismo de Antonio S.

---

<sup>16</sup> Anibal Pinto e Osvaldo Sunkel, “Economistas Latino-Americanos nos Países Desenvolvidos”, Revista Civilização Brasileira, n° 8, Rio de Janeiro, 1966, pp. 107-120; Irving Louis Horowitz (Coordenador), Ascensão e Queda do Projeto Camelot (Estudos sobre as Relações entre a Ciência Social e a Prática Política), trad. de Álvaro Cabral, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969; Michael Pollak, “Paul F. Lazarsfeld, Fondateur d’une Multinationale Scientifique”, Actes de la Recherche em Sciences Sociales, n° 25, Paris, 1979, pp. 45-63.

Pedreira, Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda e O Labirinto da Solidão de Octavio Paz, entre outros.

Dá a persistência e a recorrência de idéias relativas a “ecletismo”, “mimetismo”, “espelhismo”, “idéias exóticas”, “idéias fora do lugar”, “autenticidade”, “inautenticidade” e outras noções, no que se refere a formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, democracia e cidadania, latino-americanismo, indo-américa e afro-américa, europeísmo e americanismo. Esses são temas presentes, encobertos ou candentes, que aparecem nas reflexões de Leopoldo Zea, Abelardo Villegas, Francisco Miro Quesada, Augusto Salazar Bondy, João Cruz Costa, Beatriz Sarlo, Jean Franco, Richard Morse e outros, desde Bolívar, passando por José Vasconcelos, Francisco Romero, José María Arguedas e Augusto Roa Bastos e muitos outros. Uma versão radical dessa problemática foi sintetizada por Augusto Salazar Bondy:

“De allí que en nuestras comunidades prevalezca la mistificación y la ficción. Muchas instituciones tienen signo distinto del que declaran, la mayoría de las ideas cobran un sentido diferente y las más de las veces opuesto al significado original que oficialmente poseen. Las más variadas formas de conducta y relaciones intersubjetivas, usos y costumbres coinciden en funcionar y estar movidas de modo contrario a lo que pretendidamente les corresponde: piénsese en la democracia hispanoamericana o en la libertad de imprenta, en la religión, en la Universidad, en la moralidad, y se verá a qué inversión de ser apuntan mis consideraciones. En última instancia vivimos en el nivel consciente según modelos de cultura que no tienen asidero en nuestras condiciones de existencia. En la cruda tierra de esta realidad histórica, la conducta imitativa de un producto deformado que se hace pasar por el modelo original. Este modelo opera como mito que nos impide reconocer nuestra situación y poner las bases de una genuína construcción de nosotros mismos. Semejante conciencia mistificada es la que, por ejemplo, nos lleva a definirnos como occidentales, latinos, modernos, demócratas o católicos, dando a entender en cada uno de estos casos – por obra de los mitos enmascaradores que tienen libre curso en nuestra conciencia colectiva – algo distinto de lo que en verdad existe”.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Augusto Salazar Bondy, “Sentido y Problema del Pensamiento Filosófico Hispanoamericano”, em: Leopoldo Zea (Compilador), Fuentes de la Cultura Latinoamericana, 2 vols., Fondo de Cultura Económica, México, 1995, vol. I, pp. 195-214; citação da p. 210. Consultar também: Leopoldo Zea (Coordinación), América Latina en sus Ideas, Siglo Veintiuno Editores-Unesco, México, 1986.

Aí está o segredo de duas criações excepcionalmente simbólicas da realidade e mentalidade latino-americana: Martin Fierro de José Hernández e Macunaíma de Mário de Andrade. São dois tipos nos quais se refletem muitas das singularidades do “ser” latino-americano. Há aí, em diferentes linguagens, uma mescla de sátira e diagnóstico, fábula e história, seriedade e farsa, revelação e carnavalização. São figuras populares, saídas da realidade e da imaginação, movendo-se em diferentes esferas da vida social, satirizando os donos do poder e os humilhados e ofendidos, deus e o diabo. Distinguem-se pela excepcional liberdade de movimentos e audácia verbal, revelando-se marginais e inseridos, convictos e sem caráter. Captam algo que talvez seja um traço essencial do ser latino-americano, um peculiar “paganismo”. São totalmente órfãos da idéia de pecado, culpa, punição, redenção ou danação.<sup>18</sup>

Em síntese, a América Latina e o Caribe, como um todo, assim como cada um e todos os seus países, podem ser vistos como figuras e figurações de uma longa narrativa, permeada de construções intelectuais, seja como tipos seja como mitos, que se distinguem e mesclam, recriam-se e transfiguram-se; traduzindo-se em signos, símbolos e emblemas, histórias e tradições, heróis e santos, façanhas e derrotas, monumentos e ruínas; assim como conceitos e categorias, metáforas e alegorias. Em sendo narrativas, científicas, filosóficas e literárias, tornam-se inteligíveis, adquirindo fisionomias e movimentos, tensões e rupturas, revelando os rumores da história; revelando o que pode haver de dramático ou épico escondido no modo de ser de indivíduos e coletividades, povos e nações.

## **6. VISÃO TRÁGICA DA HISTÓRIA**

Na América Latina e Caribe, perpassa periodicamente um pervasivo, estranho e penoso sentido de inquietação, incerteza, ilusão. De vez em quando, no cotidiano de indivíduos e coletividades, irrompe a aflição, algo imponderável, inquietante. Quando tudo parece caminhar normal, ainda que precariamente, de repente abala-se, desaba, deslocando lugares, raízes, ilusões. São muitos, mais ou menos periódicos, como se fossem cíclicos, os momentos em que coisas, gentes e idéias parecem deslocar-se, desenraizar-se, como que atingidas por algum terremoto ou furacão. As próprias produções intelectuais, científicas e

---

<sup>18</sup> José Hernández, Martin Fierro, Alianza Editorial, Madrid, 1981, cuja primeira edição é de 1872; Mário de Andrade, Macunaíma, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1944, cuja primeira edição é de 1928.

artísticas, expressam algo ou muito desse estado de espírito, de inquietação, incerteza, alucinação. Algo estranho e inquietante, impregnando relações e modos de ser, a realidade e o imaginário de uns e outros, em diferentes nações, no continente, ilhas e arquipélagos.

Em larga medida, este sentimento trágico da vida individual e coletiva está marcado por alguns emblemas notáveis de cada um e todos os países: Moctezuma, Cuauhtémoc; Cortez e Malinche; Tupac Amaru e Zumbi; Pizarro e Atahualpa; Machu Picchu e Teotihuacán; Bolívar e Artigas; Jacob Arbenz e Allende; Sandino e Che Guevara. Essa é uma história que começa lá longe, cujos desdobramentos estão simbolizados no contraponto Caliban e Próspero, desenvolvendo-se no curso da história e nos espaços da geografia; lembrando a escravização de indígenas e africanos, assim como o tráfico de escravos ou comércio triangular, enlaçando Europa, África e Novo Mundo; ou Paraíso e o Eldorado, transfigurados em conquista, colonização e alienação.

### **Charqueada Grande**

*Oliveira Silveira*

Um talho fundo na carne do mapa:

Américas e África margeiam.

Um navio negreiro como faca:

mar de sal, sangue e lágrimas no meio.

Um sol bem tropical ardendo forte,

ventos alíseos no varal dos juncos

e sal e sol e vento sul no corte

de uma ferida que não seca nunca.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Oliveira Silveira, “Charqueada Grande”, publicado por Oswaldo de Camargo (Seleção e Organização), A Razão da Chama (Antologia de Poetas Negros Brasileiros). Edições GRD, São Paulo, 1986, p. 65. Consultar também: José Luis González e Mônica Mansour, Poesia Negra de América, Ediciones Era, México, 1976.



Essa é uma história sem fim, permeada de memórias e esquecimentos, invenções e sofrimentos, na qual padecem o mineiro, lavrador e operário, o índio, negro e crioulo, o escravo e o colonizado, atravessando gerações e séculos. Está nos livros de história e geografia, sociologia e antropologia, política e economia; assim como no romance, drama, cinema, pintura, música e poesia. Uma história que se desdobra em América Latina e América Anglo-Saxônica, Indo-América e Afro-América, Nuestra América e Labirinto da Solidão.

“La huelga grande estalló. Los cultivos se quedaron a medias, la fruta se pasó en las cepas y los trenes de ciento veinte vagones se pararon en los ramales. (...) Más de tres mil personas, entre trabajadores, mujeres y niños, habían desbordado el espacio descubierto frente a la estación y se apretujaban en las calles adyacentes que el ejército cerró con filas de ametralladoras (...) El capitán dio orden de fuego y catorce nidos de ametralladoras le respondieron en el acto (...) Cuando José Arcadio Segundo despertó estaba bocarriba en las tinieblas. Se dio cuenta de que iba en un tren interminable y silencioso. (...) Debían de haber pasado varias horas después de la masacre, porque los cadáveres tenían la misma temperatura del yeso en otoño, y su misma consistencia de espuma petrificada, y quienes los habían puesto en el vagón tuvieron tiempo de arrumarlos en el orden y el sentido en que se transportaban los racimos de banano. (...) Los muertos hombres, los muertos mujeres, los muertos niños, que iban a ser arrojados al mar como el banano de rechazo”.<sup>20</sup>

Na poesia, romance e outras linguagens artísticas ressoam as ilusões perdidas, a viagem sem fim, o grande e estranho mundo, o páramo atravessado pelos ecos do silêncio, a assustadora região mais transparente, o labirinto barroco, as veredas do grande sertão, as vidas secas percorrendo as planuras ressecadas, a solidão de quem vive na terceira margem do rio. Em larga medida, nas criações artísticas ressoam os ecos do que se vê e não se vê, do visível e do invisível, da desdita dos que são atingidos por terremotos e furacões.

No percurso da viagem, da longa estrada palmilhada por homens, mulheres e crianças, solitários, em família, grupos, coletividades, multidões, ressoa sempre alguma inquietação, a busca de outro destino, alguma forma de redenção.

---

<sup>20</sup> Gabriel García Márquez, Cien Años de Soledad, 14ª edição, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1969, pp. 256-2160.

Fabiano e sua pequena família, incluindo o papagaio e a cadela, caminham a longa estrada, perdidos na multidão de retirantes. Atravessam planuras e horizontes, povoados e países, sertões e páramos, campos e construções.

“Saíram de madrugada (...). Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de porteiras abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros (...). Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era”.<sup>21</sup>

O que há em todos os lugares, em cada recanto, são ecos do passado, mesclados com o que parece presente, o vivo e o morto confundido nas coisas, gentes e idéias, histórias e memórias, lembranças e esquecimentos. Além de tudo o que se vê, que parece vivo e ativo, persistem fragmentos dispersos, ecos remotos, ruínas indecifráveis; ruínas pouco a pouco reconquistadas pela natureza, da qual seus elementos foram subtraídos na infundável batalha entre a sociedade e o mundo natural. É como se fosse uma guerra sem fim, invisível e latente, mas ativa e permanente, por meio da qual os produtos do trabalho humano florescem e fenecem.

A inflexão trágica, permanente e recorrente na vida de uns e outros, adquire os extremos do paroxismo em algumas criações artísticas, quando o escritor, por exemplo, se revela sintonizado com os interstícios e meandros obscuros da vida, modos de ser, sentir, agir, imaginar, assombrar-se. É como se a narrativa de repente desvendasse o que está nas pessoas, dentro e fora do romance, no presente e no passado, anunciando interrogações. Tudo o que estava em silêncio revela-se pleno de ruídos, surdos, escondidos, ubíquos; sonoridades insuspeitadas ecoando o preterido esquecido. Podem ser ecos de tempos remotos, do presente, defletindo no passado, prenunciando incertezas. Todos parecem metidos em um sendeiro de penumbras, que se bifurca multiplicando-se sem direção, norte, destino.

---

<sup>21</sup> Graciliano Ramos, Vidas Secas, 5ª edição, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1955, pp. 143 e 154.

“Este pueblo está lleno de ecos. Tal parece que estuvieran encerrado en el hueco de las paredes o debajo de las piedras. Cuando caminas, sientes que te van pisando los pasos. Oyes crujidos. Risas. Unas risas ya muy viejas, como cansadas de reír. Y voces ya desgastadas por el uso. Todo eso oyes. Pienso que llegará el día en que estos sonidos se apaguen. (...) Hubo un tiempo que estuve oyendo durante muchas noches el rumor de una fiesta. Me llegaban los ruidos hasta la Media Luna. Me acerque para ver el mitote aquel y vi esto: lo que estamos viendo ahora. Nada. Nadie. (...) Este pueblo está lleno de ecos. Yo ya no me espanto. Oigo el aullido de los perros e dejo que aúllen. Y en días de aire se ve al viento arrastrando hojas de árboles, cuando aquí, como tú ves, no hay árboles. (...) Hay multitud de caminos. Hay uno que va para Contla; otro que viene de allá. Otro más que enfila derecho a la sierra. Ése que se mira desde aquí, que no sé para donde irá. (...) Ese otro de por acá, que pesa por la Media Luna. Y hay otro más, que atraviesa toda la tierra y es el que va más lejos”.<sup>22</sup>

No páramo em que se movem uns e outros, há os que se encontram e os que se extraviam, uns destinados, outros extraviados; atravessados pelo pathos que cada um pode carregar consigo, pelo que fez ou não fez, desconhecendo desígnios. Os condenados podem ser desterrados, destinados à solidão, confinados dentro de si mesmos, obrigados a viver em suas emoções, memórias, aflições. Em vez da prisão, tortura, violação, o confinamento lá longe, no interior de si mesmos, como que prisioneiros de algo invisível, escondido em todos os lugares. Aí dissolvem-se as referências palpáveis, perceptíveis, imagináveis. O espaço e o tempo dissolvem-se, tornando-se impossível localizar o lugar, deitar raízes, descortinar qualquer direção no horizonte.

“Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (...) O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos”.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Juan Rulfo, Pedro Páramo, 3ª edição da coleção “Lecturas Mexicanas”, Fondo de Cultura Económica, México, 1992, pp. 54-55 e 65.

<sup>23</sup> João Guimarães Rosa, Primeiras Estórias, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988, pp. 33 e 34; citação do conto: “A Terceira Margem do Rio”.

“La condena a remo perpetuo. Cobardía, robô, traición, crímenes capitales, son sometidos a ella. No se envía al culpable a la muerte. Simplemente se lo aparta de la vida. Cumple su objeto porque aísla al culpable de la sociedad contra la cual delinquirió. Nada tiene de opuesto a la naturaleza; lo que hace es devolverlo a ella. (...) El culpable irá bogando de orilla a orilla, remontando o bajando el ancho río de la Patria, librado a su entera voluntad, libertad. (...) Dicen algunos que el que va sentado en la popa no es ya el condenado vivo sino el difunto. Otros diceres dicen que la muerte misma es la que va bogando en la negra y podrida embarcación”.<sup>24</sup>

Nesse labirinto, esconde-se a barbárie. Aos poucos, lenta, sub-reptícia ou de repente, explode a violência, destruindo coisas, gentes e idéias, realidades e ilusões. Tudo o que parecia plácido, fluindo no cotidiano de cada um e muitos, flutua sobre o que pode ser abismo, absurdo. A destruição germina sorrateira; ou irrompe abrupta, avassalando modos de ser. É como se a civilização fosse simultaneamente matriz de desencantamento e reencantamento, emancipação e alienação, esclarecimento e danação.

Uma cruel alegoria dessa história, da história da América Latina e Caribe, é o massacre que se realiza em Tlatelolco, a praça das três culturas, na cidade do México, no dia 2 de outubro de 1968. Essa é a trágica alegoria do destino dos mineiros de Santa Maria de Iquique, dos milhares mortos nos 36 anos de violência iniciados na Guatemala em 1954; e de muitos outros milhares perseguidos, encarcerados, mutilados, assassinados, pelas agências das ditaduras militares na Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Brasil; em geral ditaduras e aparelhos de repressão oficiais e clandestinos acionados pela Agência Central de Informações (CIA) desde Washington, em associação com aparelhos oficiais e clandestinos acionados por elites e setores sociais dominantes latino-americanos e caribenhos.

“Todos los testimonios coinciden en que la repentina aparición de luces de bengala en el cielo de la Plaza de las Tres Culturas de la Unidad habitacional Nonoalco-Tlatelolco desencadenó la balacera que convirtió el mitin estudiantil del 2 de octubre en la tragedia de Tlatelolco. (...) A las cinco y media del miércoles 2 de octubre de 1968, aproximadamente diez mil personas se congregaron en la explanada de la Plaza de las Tres Culturas para escuchar a los oradores. (...) Se dirigían a la multitud compuesta en su gran mayoría por estudiantes, hombres y mujeres, niños y ancianos. (...) Los disparos surgían por todos

---

<sup>24</sup> Augusto Roa Bastos, Yo el Supremo, 8ª edição, Siglo Veintiuno Editores, México, 1978, pp. 131-132 e 393.

lados. (...) El fuego intenso duro 29 minutos. Luego los disparos decrecieron pero no acabaron. (...) Yacian los cadáveres en el piso de concreto esperando a que se los llevaran”.<sup>25</sup>

No outro extremo da América Latina, as ditaduras militares encarregam-se de mutilar coisas, gentes e idéias, formas de sociabilidade e modos de ser, desenvolvendo e generalizando a crueldade da alegoria. Mobilizadas pela poderosa e lucrativa indústria do anticomunismo, acionada pela geopolítica norte-americana da Guerra Fria, essas ditaduras destruíram conquistas sociais, realidades construídas ao longo de décadas de lutas sociais e ilusões sobre projetos nacionais mobilizados no sentido da emancipação de indivíduos e coletividades, compreendendo a grande maioria dos grupos e classes sociais subalternos.

“En nombre de la seguridad nacional, miles y miles de seres humanos, generalmente jóvenes y hasta adolescentes, pasaron a integrar una categoría tétrica y fantasmal: la de los Desaparecidos. (...) Arrebatados por la fuerza, dejaron de tener presencia civil. Quiénes exactamente los habían secuestrado? Por que? Donde estaban? No se tenía respuesta precisa a estos interrogantes. (...) Así transcurrían días, semanas, meses, años de incertidumbres y dolor de padres, madres e hijos, todos pendientes de rumores, debatiéndose entre desesperadas expectativas, de gestiones, innumerables e inútiles, de ruegos e influyentes, a oficiales de alguna fuerza armada que alguien les recomendaba, a obispos y capellanes, a comisarios. La respuesta era siempre negativa”.<sup>26</sup>

Esse o clima em que vivem muitas mães, pais e filhos, parentes e amigos, em várias partes da América Latina e Caribe, ao acaso dos surtos de violência policial-militar, das operações acionadas pela geopolítica norte-americana, com os quais os donos do poder, fabricando desaparecidos.

## **Desaparecidos**

*Mario Benedetti*

Están en algún sitio / concertados

desconcertados / sordos

buscándose / buscándonos

---

<sup>25</sup> Elena Paniatowska, La Noche de Tlatelolco, 53 reimpressão, Ediciones Era, México, 1996, pp. 166-167 e 172.

<sup>26</sup> Nunca Más, Informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas, presidida por Ernesto Sabato, 8ª edição, Editorial Universitaria de Buenos Aires, Buenos Aires, 1985, p. 9.

Cuando empezaron a desaparecer  
como el oasis en los espejismos  
a desaparecer sin últimas palabras  
tenían en sus manos los trocitos  
de cosas que querían

Están en algún sitio / nube o tumba  
están en algún sitio / estoy seguro  
allá en el sur del alma.<sup>27</sup>

O que há de trágico na vida e na história está expresso também na literatura, nas várias linguagens artísticas; muitas vezes mais no que nas monografias e ensaios das ciências sociais. São muitos e notáveis os romances e contos, dramas e poesias, nos quais aparecem as diferentes modulações da tragédia que abala a vida de indivíduos e coletividades. Assim se desenha e movimenta o vasto e alegórico mural latino-americano construído por diferentes narrativas, em distintas épocas e lugares. É como se fosse uma única, contínua e múltipla narrativa, atravessada por monólogos múltiplos, diálogos entrecortados de silêncios e ecos de desconhecidos; na qual descrevem-se ilusões perdidas, lutas sociais frustradas, utopias desvanecidas. Este pode ser um emblema ressoando ao longo da história e nos espaços da cartografia conforme estava escrito, em um muro da cidade de Quito, no dia da proclamação da independência do Equador: “Último día del despotismo, primer día de lo mismo”.

“Era el fin. El general Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios se iba para siempre. Había arrebatado al dominio español un imperio cinco veces más vasto que las Europas, había dirigido veinte años de guerras para mantenerlo libre y unido, y lo había gobernado con pulso firme hasta la semana anterior, pero a la hora de irse no se llevaba ni siquiera el Consuelo de que se lo creyeron”.<sup>28</sup>

O que há de trágico na história revela-se na vida do indivíduo, das pessoas. São interrupções que explodem nos modos de ser, relações, vivências e ilusões de alguns e

---

<sup>27</sup> Mario Benedetti, *Geografías*, Editorial Nueva Imagen, México, 1984, pp. 121-122; citação do poema “Desaparecidos”.

<sup>28</sup> Gabriel García Márquez, *El General en su Laberinto*, 5ª edição, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1989, p. 44.

muitos, sem que se dêem conta de que fazem parte, como gentes, títeres ou agentes, do rumor da história, do que há de inexorável nos acontecimentos, nas explosões e nos silêncios da história. De repente, rompe-se o modo de ser, a situação, a linha do horizonte. Tudo se embaralha, confuso, caótico, como acontece com as coisas, as gentes e as idéias no meio do furacão, terremoto, alucinação.

## **7. TRANSCULTURAÇÃO E MODERNIDADE**

Na América Latina e Caribe, a problemática da modernidade parece algo pertinente e impertinente; ainda mais quando estão em causa a modernidade e a pós-modernidade. Trata-se de um debate que envolve, outra vez, os contrapontos autenticidade - inautenticidade, idéias exóticas - realidades nativas, europeísmo - americanismo, além de outros. Mas é possível reconhecer que a modernidade latino-americana, compreendendo sempre a caribenha, já conta com algumas realizações notáveis, envolvendo as ciências sociais e as artes, com implicações de cunho filosófico. Em primeira aproximação, é possível demonstrar que estes são emblemas dessa modernidade: barroco latino-americano, teologia da libertação, teoria da dependência, realismo mágico, maravilhoso ou fantástico, revolução socialista. São algumas criações nas quais se revela a riqueza da transculturação em curso em cada uma e todas as nações do continente, ilhas e arquipélagos. Esses emblemas podem ser vistos como algumas polarizações notáveis ao longo, complexo e contraditório diálogo a muitas vozes que se desenvolve com outras culturas e civilizações, no curso dos tempos modernos. Nesse vasto e problemático laboratório sócio-cultural e político-econômico que tem sido e continua a ser a América Latina, germinam-se situações e condições, impasses e frustrações, realidades e ilusões, com os quais florescem as ciências sociais e as artes, fertilizando inclusive inquietações filosóficas.

Vista assim, em perspectiva histórica ampla, ainda que de forma breve, a problemática da modernidade latino-americana revela alguns traços importantes do que tem sido, do que é e do que poderá ser a América Latina, enquanto confluência de processos sócio-culturais e político-econômicos nos quais se revelam momentos surpreendentes de realização e inquietação, esclarecimento e fabulação.

Na América Latina, a modernidade está em geral altamente determinada pelas ondas prevalecentes no pensamento europeu e norte-americano, no que estes têm de original e no que revelam de equívoco. Além do mais, as ondas de modernidade européia e norte-americana estão sempre, em alguma escala, determinadas pelas configurações sócio-

culturais, filosóficas e artísticas daquelas nações. Isto significa que padecem freqüentemente do que se pode denominar de “não-contemporaneidade”, com formas muito peculiares de anacronismo, parecendo caricaturas, exotismos.

“Para entrar en la modernidad, en el siglo XIX la inteligéncia de América Latina intentó borrar la única historia que tenía, la formada por tres largos siglos de coloniaje. Había que cambiar la piel y lavarse el cérebro. Renunciar a una identidad impuesta por el coloniaje y apropiarse de la identidad de los pueblos que eran motor del progreso y la civilización de la modernidad. Había que ser como los europeos o los yanquis del sur. ‘Seamos como los Estados Unidos’, gritan los civilizadores en la América Latina. Por la emancipación mental, claman los reformadores y educadores de la región; para ellos es necesario utilizar las filosofías y doctrinas que se suponía habían hecho de la Europa Occidental y de los Estados Unidos adelantados de la modernidad”.<sup>29</sup>

Essa tem sido uma tendência persistente do pensamento latino-americano, desde a independéncia das colônias ibéricas, entrando pelos séculos 20 e 21. Além das contribuições fecundas, multiplicam-se as não-contemporaneidades, o desenvolvimento desigual e contraditório, provocando distorções em diferentes segmentos das sociedades nacionais.

“A impensada adoção da técnica norte-americana no México gerou inumeráveis desgraças e monstruosidades éticas e estéticas. Com o pretexto de acabar com nosso subdesenvolvimento, temos sido testemunhas, nas últimas décadas, de uma progressiva degradação de nosso estilo de vida e de nossa cultura”.<sup>30</sup>

Na América Latina, a modernidade leva sempre algo de anacrônico, caricato ou exótico, ao mesmo tempo em que barroco, pagão, antropofágico, macunaímico. A não-contemporaneidade está sempre presente, explícita ou subjacente. São muitas as produções filosóficas e científicas, bem como criações artísticas, nas quais aparece a nostalgia da Europa imaginária, dos Estados Unidos inimaginável. É o que se pode observar em Fecundo de Sarmiento, Os Sertões de Euclides da Cunha, Ariel de Rodo, A Ilusão

---

<sup>29</sup> Leopoldo Zea, Fin del Siglo XX (? Centuria Perdida ?), Fondo de Cultura Económica, México, 1996, p. 64.

<sup>30</sup> Octavio Paz, Os Filhos do Barro, trad. de Olga Savary, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984, p. 41. Consultar também: Beatriz Sarlo, Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930, Ediciones Nueva Vision, Buenos Aires, 1988; Vivian Schelling (Organização), Through the Kaleidoscope (The Experience of Modernity in Latin America), Verso, Londres, 2000; John Veverley, José Oviedo e Michael Aronna (Organizadores), The Postmodernism Debate in Latin America, Duke University Press, Durham, 1995; Ana Maria de Moraes Belluzzo (Organização) Modernidade: Vanguardas Artísticas na América



Americana de Eduardo Para, Insularismo de Antonio S. Pedreira, O Labirinto da Solidão de Octavio Paz, O País de Quatro Andares de José Luis González.

As expressões “modernidade latino-americana” ou “modernidade periférica” são um primeiro reconhecimento de que a realidade histórico-social e o pensamento latino-americano são vistos como reflexos, caricaturas ou recriações da modernidade europeia e norte-americana. Esse é um enigma que continua a desafiar todos, ou a grande maioria, dos que pretendem descobrir o que é, tem sido ou poderá ser a modernidade nessa parte da “civilização ocidental”, ou no que se pode denominar de um “extremo ocidente”, pouco original ou muito original.

Esse tem sido um estado de espírito, simultaneamente construtivo e pessimista, ambíguo e decepcionado, combativo e otimista; sim, com essas ambigüidades. Esse o estado de espírito que está presente em muitas produções intelectuais e, muito provavelmente, tem uma raiz nas frustrações e ilusões perdidas originárias do pensamento europeu, principalmente ibérico. Há algo do estado de espírito da geração espanhola de “98” em muito do que se pensa e escreve na América Latina no século 20.

No que se refere a certas continuidades ou ressonâncias, quando examinamos algumas produções em ciências sociais, logo ressaltam os paralelismos que se poderiam apontar entre Espanha Invertebrada de Ortega y Gasse e Radiografia do Pampa de Ezequiel Martinez Estrada, Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, Labirinto da Solidão de Octavio Paz e Insularismo de Antonio S. Pedreira. São narrativas ou ensaios que relembram Espanha Invertebrada; sugerindo que as nações latino-americanas, bem como a própria América Latina, debatem-se secularmente em termos de sociedades desarticuladas ou gelatinosas e Estados vistos como demiurgos, leviatãs. Buscam compreender, ou explicar compreensivamente, as respectivas sociedades nacionais, em seus impasses e perspectivas, realizações e ilusões, propondo uma espécie de antropomorfização da nação, como se fora um indivíduo, personalidade ou biografia; de alguém que não se encontra, não se assume, parecendo que existe e não existe, como se estivesse no limbo. Algo provavelmente peculiar da idéia de “mundo da vida” formulada por Husserl e retomado por Heidegger, traduzida na fórmula, ou aforismo, de Ortega conhecido como “o homem é a sua circunstância”; retraduzida em “a nação é a sua circunstância”.

---

Latina, Editora Unesp, São Paulo, 1990, Jorge Schwarz (Organização), Vanguardas Latino-Americanas, Edusp - Iluminuras, São Paulo, 1995.

“Trátase de un hombre o trátase de una nación, su destino vital depende en definitiva de cuáles sean sus sentimientos radicales y las propensiones afectivas de su carácter. De éstas habrá alguna cuya influencia se limite a poner un colorido peculiar en la historia de la raza. Así hay pueblos alegres y pueblos tristes”.<sup>31</sup>

Note-se que a compreensão da realidade social, na qual a história aparece como subproduto da “vivência”, “circunstância” ou “mundo da vida”, esquece a metamorfose das diversidades em desigualdades, os jogos das forças sociais em processos de dominação e apropriação, fermentando as transformações sociais, compreendendo a revolução e a contra-revolução. A rigor, também faz parte da modernidade, como produto e processo social, fertilizando movimentos da história e configurações do pensamento.

Cabe reconhecer, no entanto, que a modernidade “latino-americana”, ou “periférica”, não tem nada de homogênea, em muitos dos seus aspectos fundamentais. Em cada país, há peculiaridades importantes, no que se refere ao pensamento filosófico, às produções de cientistas sociais e às criações de escritores, pintores, compositores, cineastas e outros artistas. A despeito de algumas similaridades e continuidades, são marcantes as diferenças. Aliás, são diferenças ou singularidades que se revelam em distintas narrativas filosóficas, científicas e artísticas. O “pathos” que se encontra em Os Sertões de Euclides da Cunha se compõe de uma intrincada matéria de criação transfigurada pelo autor. Em outros termos, o “pathos” que perpassa Pedro Páramo de Juan Rulfo revela outras sombras e outros ecos. Mas é muito provável que essas criações ressoem o “pathos” que constitui momentos cruciais da história latino-americana, como momentos paroxístmicos do mesmo sentido trágico dessa história. Ocorre que a modernidade latino-americana desdobra-se em várias, distintas, semelhantes e contraditórias modernidades. São modernidades que se revelam mais claramente quando se examinam os contrapontos europeísmo e americanismo, nacionalismo e imperialismo, regionalismo e globalismo, reforma e revolução, civilização e barbárie, capitalismo e socialismo.

Mas cabe reconhecer que são muitos os que realizam produções e criações originais, que se podem denominar latino-americanas, pela originalidade dos conceitos, categorias e interpretações, bem como dos emblemas, metáforas e alegorias. Desde os escritos e as polêmicas iniciadas por Bartolomeu de las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda

---

<sup>31</sup> Ortega y Gasset, España Invertebrada (Bosquejo de Algunos Pensamientos Históricos), Alianza Editorial, Madrid, 1981, p.112. Cabe recordar que a primeira edição deste livro data de 1921. Consultar também Meditación del Pueblo Joven y Otros Ensayos sobre América, Alianza Editorial, Madrid, 1981, cuja primeira edição data de 1958, reunindo textos sobre diferentes países no que foi o Novo Mundo.

sucedem-se na história da cultura e do pensamento latino-americanos as produções e criações com as quais se alcança uma visão original e viva do que foi e tem sido a realidade sócio-cultural e político-econômica, na qual se movem indivíduos e coletividades, povos e nações, compreendendo as civilizações indígenas, africanas e européias, mescladas e transculturadas. São realizações com as quais se pode compreender e explicar mais objetiva, límpida e criativamente o que foi e o que tem sido a história desses povos e nações.

Sim, já são muitos os que contribuíram e os que continuam a contribuir para o esclarecimento de enigmas e antinomias que caracterizam a originalidade e a vivacidade de realidades locais, nacionais, regionais e continentais da América Latina e Caribe. Eles se debruçam sobre o tecido e os movimentos da sociedade, formas de sociabilidade, jogos de forças sociais, estruturas de dominação e apropriação, compreendendo as várias modalidades de trabalho escravo e livre, as castas e as classes, a cultura política patrimonial, o racismo aberto e disfarçado, o mito da “raça cósmica”, o mito da “democracia racial”; tudo isso de permeio com a persistência e reiteração de colonialismos e imperialismos, compreendendo o globalismo com o qual termina o século 20 e começa o 21. São pensadores que esclarecem a originalidade e o insólito, a novidade e o surpreendente, do que foi e tem sido a sociedade e a economia, a política e a cultura, o modo de ser e a imaginação de diferentes indivíduos e setores sociais. Um desses pensadores, José Carlos Mariátegui, mobiliza contribuições do pensamento europeu, peruano e latino-americano, abrindo horizontes originais para a interpretação da realidade peruana e latino-americana.

“Las burguesías nacionales, que ven en la cooperación con el imperialismo la mejor fuente de provechos, se sienten lo bastante dueñas del poder político para no preocuparse seriamente de la soberanía nacional. (...) La aristocracia y la burguesía criollas no se sienten solidarizadas con el pueblo por el lazo de una historia y de una cultura comunes”.<sup>32</sup>

Outra formulação importante relativa ao empenho em alcançar o que tem sido a “latino-americanidade” está sintetizada em uma reflexão de Jorge Luis Borges. Trata-se de um argumento preliminar e fecundo, com o qual se pode ultrapassar as aflições geradas em muitos escritos sobre o contraponto “antenticidade-inautenticidade-originalidade”.

---

<sup>32</sup> José Carlos Mariátegui, *Ideología y Política*, Biblioteca Amauta, Lima, 1969, pp. 87 e 88. Citação do ensaio intitulado “Punto de Vista Anti-Imperialista”, pp. 87-95.

“Creo que nuestra tradición es toda la cultura occidental, y creo también que tenemos derecho a esta tradición, mayor que el que pueden tener los habitantes de una o otra nación occidental. (...) Creo que los argentinos, los sudamericanos en general (...) podemos manejar todos los temas europeos, manejarlos sin supersticiones, con una irreverência que puede tener, y ya tiene, consecuencias afortunadas”.<sup>33</sup>

“Nosotros somos parte de la cultura occidental, pero a pesar de nuestro aislamiento, a pesar de que estamos hablando en el cono sur de América, tenemos una ventaja sobre otras naciones de esta misma cultura. (...) La ventaja que nosotros llevamos, quizás, a otros países, es que no debemos lealtad particular a ninguno de esos países separadamente. Quiero decir que podemos sentirnos herederos de toda la cultura occidental y de lo que podamos captar de la cultura oriental naturalmente (...)”.<sup>34</sup>

As diferentes contribuições, combinadas com as indígenas e africanas, bem como árabes e orientais, traduzem-se em narrativas científicas e literárias com as quais se apreendem as configurações e os movimentos de indivíduos e coletividades, povos e nações, compondo o que pode ser singular de “latino-americanidade”.

Em outros termos, o que está em causa, quando se busca a originalidade, ou autenticidade, é algo que se cria no curso do vasto, complexo e contraditório, mas criativo processo de transculturação. Combinam-se elementos heterogêneos, originários de diferentes tradições e dinâmicas culturais, produzindo-se algo novo, diferente, original.

“Entendemos que el vocablo transculturación expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo que en rigor indica la voz inglesa aculturación, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de neoculturación. (...) La criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos. En conjunto, el proceso es una transculturación, y este vocablo comprende todas las fases de su parábola”.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Jorge Luis Borges, Discusión, Alianza Editorial, Madrid, 1976, pp. 135 e 136; citação de “El Escritor Argentino y la Tradición”, pp. 128-137.

<sup>34</sup> Jorge Luis Borges, em entrevista transcrita por Rosalba Campra, América Latina: la Identidad y la Máscara, Siglo XXI Editores, México, 1987, pp. 126 e 127.

<sup>35</sup> Fernando Ortiz, Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar, Introducción por Bronislaw Malinowski, Jesus Montero Editor, La Habana, 1940, p. 142; citação do cap. II: “Del Fenómeno Social de la ‘Transculturación’ y de su importancia en Cuba”, pp. 136-142.

“Todo cambio de cultura, o como diremos desde ahora en lo adelante, toda transculturación, es un proceso en el cual siempre se da algo a cambio de lo que se recibe. (...) Es un proceso en el cual ambas partes de la ecuación resultan modificadas. Un proceso en el cual emerge una nueva realidad, compuesta y compleja; una realidad que nos es una aglomeración mecánica de caracteres, ni siquiera un mosaico, sino um fenômeno nuevo, original e independente”.<sup>36</sup>

Aí combinam-se os trabalhos e os dias de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, traduzidos e desenvolvidos no pensamento de muitos, desde Las Casas a Fernando Ortiz, passando por Bolívar, Juárez, Mariátegui, Borges, Angel Rama e outros.

“El primer americano que va surgiendo dominador de sus caudales es nuestro señor barroco. (...) Podemos decir que entre nosotros el barroco fue un arte de la contraconquista. Representa un triunfo de la ciudad y un americano allí instalado con fruicción y estilo normal de vida y muerte. (...) El barroco como estilo há logrado ya en la América del siglo XVIII, el pacto de família del índio Kondori y el triunfo prodigioso del Aleijadinho, que prepara la rebelión del próximo siglo, es la prueba de que se está maduro ya para una ruptura. Es ahí la prueba más decisiva, cuando un esforzado de la forma, recibe un estilo de una gran tradición, y lejos de amenguarlo, lo devuelve acrecido, es un símbolo de que ese país ha alcanzado su forma en el arte de la ciudad. Es la gesta que en el siglo siguiente al Aleijadinho va realizar José Martí”.<sup>37</sup>

Esta é mais uma tese fundamental: o barroco latino-americano, desde a sua originalidade e síntese excepcional de um intrincado processo de transculturação, pode ser visto como uma das raízes da ruptura, rebelião ou revolução, lembrando a originalidade e a força do pensamento de José Martí; assim como de outros, caribenhos e continentais.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Branislaw Malinowski, “Introducción” do livro de Fernando Ortiz, Contrapunto Cubano del Tabaco y Azúcar, citado p. XVII. Consultar também: Angel Rama, Transculturación Narrativa en América Latina, Siglo Veintiuno Editores, México, 1982; Octavio Ianni, Enigmas de la Modernidad-Mundo, trad. de Cláudio Tavares Mastrangelo, Siglo Veintiuno Editores, México, 2000.

<sup>37</sup> José Lezama Lima, La Expresión Americana, Alianza Editorial, Madrid, 1969, pp. 47 e 78. Consultar também: Joel Neves, Idéias Filosóficas do Barroco Mineiro, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1986; Padre Antonio Vieira, Os Sermões, Difel, São Paulo, 1968; Octavio Paz, Sor Juana Ines de la Cruz (Las Trampas de la Fé), 3ª edição, Fondo de Cultura Econômica, México, 1985, sendo que neste o barroco mescla a criatura e o criador.

<sup>38</sup> Sobre o conceito de transculturação: Fernando Ortiz, Contrapunteo del Tabaco y el Azúcar, Jesus Montero Editor, Havana, 1940; Angel Rama, Transculturación Narrativa en América Latina, Siglo Veintiuno Editores, México, 1982.

Pouco a pouco, muitos se dão conta de que o “barroco”, a “antropofagia”, a “teologia da libertação”, a “teologia da dependência”, o “realismo mágico”, a “revolução socialista”, o “muralismo mexicano”, a música de Villa-Lobos, entre muitas outras criações, contribuem decisivamente para a formação e o desenvolvimento da autoconsciência de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais; ao mesmo tempo em que podem ser vistas como criações originais ou mesmo excepcionais, nas quais combinam-se as contribuições indo-americanas, afro-americanas, ibéricas e outras européias.

É evidente que a noção de modernidade envolve tanto formas de pensamento como modos de ser, idéias e práticas, criações artísticas e produções científicas e filosóficas, a caminho da individuação e emancipação, do racionalismo e da democracia, da secularização da cultura e do comportamento e da cidadania. O homem moderno é aquele que se conduz pela razão, superando a superstição e a tradição; confinando a religião à esfera do espaço privado. No âmbito da modernidade, como forma de pensamento e de sociedade, de cultura e de modo de ser, todos são induzidos a mover-se e realizar-se no espaço público, em suas atividades e formas de pensamento, em suas produções intelectuais e criações artísticas. Em diferentes gradações, uns e outros, indivíduos e coletividades, formas de pensamento e modo de ser, ingressam no e participam do vasto complexo, problemático e fascinante processo de desencantamento do mundo.<sup>39</sup>

Tudo isso pode ser realidade ou ideal na América Latina e Caribe. Mas tudo isso está atravessado por contribuições culturais e civilizatórias, assim como sociais, políticas e econômicas herdadas de séculos de escravismo, compreendendo indígenas e africanos; ao mesmo tempo em que pelo patrimonialismo, em suas formas de caciquismo, gamonalismo e coronelismo, nos quais o espaço público da sociedade civil confunde-se com o privado dos donos do poder; nos quais as mais avançadas conquistas do pensamento moderno mesclam-se com tradicionalismos, quando a televisão e a internet são absorvidas por estruturas patrimoniais de mando e desmando.

Esse o contexto histórico-social e mental em que florescem: o “barroco latino-americano” do qual nos falam Mário de Andrade e José Lezama Lima, entre outros; a “antropofagia” revelada por Oswald de Andrade e trabalhada por outros, também em

---

<sup>39</sup> Charles Baudelaire, *Obras Estéticas*, trad. de Edison Dari Heldt, Editora Vozes, Petrópolis, 1993; Walter Benjamin, *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*, trad. de José Carlos Martins Barbosa, 1989; Marshall Berman, *Tudo O Que é Sólido Desmancha no Ar*, trad. de Carlos Felipe Moises e Ana Maria

diferentes países; a “teologia da libertação”, também conhecida como “filosofia da libertação”, elaborada por Camilo Torres, Gustavo Gutiérrez, Enrique Dussel e outros, desenvolvendo-se inclusive em movimentos sociais locais, nacionais e continentais; a “teoria da dependência”, formulada e discutida por Oswaldo Sunkel, Celso Furtado, Aníbal Quijano, Agustín Cueva, Theotonio dos Santos, Rui Mauro Marini, Enzo Faletto e Fernando H. Cardoso; o “realismo mágico”, maravilhoso ou fantástico das narrativas literárias de Juan Rulfo, Gabriel Garcia Márquez, João Guimarães Rosa, José Maria Arguedas, Augusto Roa Bastos, Alejo Carpentier, Jorge Luís Borges e muitos outros; e a “revolução socialista”, que germina e irrompe em diferentes nações, a despeito da contra-revolução permanente acionada pelas elites governantes e classes dominantes latino-americanas, associadas com classes dominantes, corporações e blocos de poder organizados no imperialismo e no globalismo.

Pode-se mesmo afirmar que as inquietações relativas à “autenticidade-inautenticidade-originalidade” são um fermento importante para que os latino-americanos descubram, criem ou inventem outros e novos conceitos e categorias, assim como metáforas e alegorias, explorando outros sentidos de espaço e tempo, continuidade e descontinuidade, recorrência e ruptura, como ocorre em escritos de Juan Rulfo e Gabriel Garcia Márquez, José Carlos Mariátegui e Caio Prado Júnior; tanto em suas produções científicas como criações artísticas, fertilizando também realizações histórico-sociais. No limite, a angústia sobre o que pode ser autêntico, inautêntico, ou original tem sido uma poderosa fonte de inquietação e imaginação, busca e fabulação, audácia e revolução.

As revoluções socialistas latino-americanas são momentos excepcionais da modernidade latino-americana e mundial, pela combinação original de idéias e práticas, tensões e movimentos, ideologias e utopias; mesclando condições e possibilidade, de conformidade com as condições e perspectivas da realidade social latino-americana. A revolução mexicana iniciada em 1910 e a cubana desde 1959, assim como a chilena realizada em 1970-73, entre outras, podem ser vistas como momentos excepcionais da modernidade latino-americana e mundial; ilustrando possibilidades da modernidade ocidental, no contraponto com outras formas de pensamento e outros modos de ser, não só na América Latina e Caribe. Nelas estão presentes contribuições do pensamento europeu, compreendendo Rousseau, Hegel, Marx, Engels, Gramsci e outros, assim como os

---

L. Ioriatti, Companhia das Letras, São Paulo, 1986; Jurgen Habermas, O Discurso Filosófico da Modernidade, trad. de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento, Martins Fontes, São Paulo, 2002.

fermentos germinados nas formações sociais latino-americanas, expressos no pensamento e nas práticas de Simón Bolívar, José Martí, Eugenio Maria de Hostos, Cesar Augusto Santido, José Carlos Mariátegui e outros; compreendendo Lázaro Cárdenas, Fidel Castro, Ernesto Che Guevara e Salvador Allende. Simbolizam e sintetizam conquistas da modernidade europeia, fertilizadas pelo pensamento, imaginário e vivência de castas e classes subalternas, compreendendo contribuições do indigenismo e afroamericanismo. Nesse sentido, também, é que a revolução socialista pode ser vista como um fecundo processo de criação coletiva, no qual se sintetizam diálogos e realidades, tensões e contradições, inquietações e ilusões, compreendendo indivíduos e coletividades, classes e grupos sociais subalternos; a caminho da emancipação.

É evidente que a revolução socialista latino-americana pode ser vista como uma expressão particularmente extrema e desenvolvida do processo de transculturação, no qual combinam-se as teorias e as práticas procedentes da Europa com as da própria América Latina; compreendendo as conquistas do pensamento dialético desenvolvido por Marx e os seus continuadores e as conquistas do pensamento latino-americano formuladas desde Las Casas, Bolívar, José Martí, José Carlos Mariátegui, Caio Prado Júnior, Marcus Garvey, Júlio Mella e outros; assim como o pensamento e a prática de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais, camponeses e mineiros, operários estudantes e outros, com os quais se movimentam as sociedades nacionais, a sociedade latino-americana e as configurações da história. Esses são fermentos importantes com os quais germinam-se criações da modernidade latino-americana, da qual a revolução socialista é uma expressão excepcional.

Note-se que a revolução socialista pode ser vista como um momento importante, paroxístico, no contraponto teoria e prática, na dialética prático-crítica, quando as novas idéias, concepções ou teorias traduzem-se em decisões e atividades, organizações e possibilidades de discernimento, metamorfose da consciência em si à consciência para si; compreendendo a práxis simultaneamente individual e coletiva, realizando a metamorfose das massas, movimentos sociais e organizações em projetos e realizações políticas de grupos e classes sociais subalternos, construindo hegemonias alternativas; transfigurando ideais e concepções, inquietações e ilusões, em realidades, modos de ser.

A revolução é sempre um processo histórico, simultaneamente político-econômico e sócio-cultural. Abala todas as esferas e todos os setores da sociedade, compreendendo relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais. Pode ser radical, violenta e total, assim como pode ser errática,



parcial e lenta, dependendo do jogo das forças sociais. Em todos os casos, desenvolve-se como um processo histórico modificando parcialmente ou transformando radicalmente a dinâmica das relações das classes sociais e dos grupos sociais, bem como as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, compondo outro e diferente metabolismo entre a sociedade civil e o Estado, compreendendo a formação de novo bloco de poder e a construção de outra e nova hegemonia. Nesse sentido é que a revolução socialista expressa um momento excepcional, paroxístico do que tem sido a modernidade latino-americana.

Vista assim, em perspectiva ampla e polifônica, a história da modernidade latino-americana logo se revela povoada de realizações e criações originais e surpreendentes. São realizações sociais e criações culturais enraizadas na práxis individual e coletiva, compreendendo contribuições, adversidades e horizontes que se abrem no curso dos trabalhos e dias de uns e outros; envolvendo transformações sócio-culturais e político-econômicas, atravessadas por movimentos e lutas em diferentes gradações. Expressam a originalidade e autenticidade de muito do que têm sido os modos de ser, sentir, agir, compreender, explicar e fabular de indivíduos e coletividades, grupos e classes sociais.<sup>40</sup>

Vistos em sua originalidade e autenticidade, o barroco, a antropofagia, a teologia da libertação, a teoria da dependência, o realismo mágico e a revolução socialista, bem como o muralismo mexicano, a música de Villa-Lobos, a pintura de Frida Kahlo, Oswaldo Guayasamín e Cândido Portinari, a arquitetura de Oscar Niemeyer, a obra literária de Juan Rulfo, João Guimarães Rosa, Gabriel Garcia Márquez, Octavio Paz, Augusto Roa Bastos, José Donoso, Alejo Carpentier, Nicolas Guillén, Aimé Césaire, Derek Walcott, Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda, Jorge Luís Borges e muitos outros; compreendendo também filósofos e cientistas sociais; compõem momentos excepcionais da modernidade latino-americana. Vistas assim, como obras simultaneamente individuais e coletivas, essas e outras criações revelam o que tem havido de lírico, dramático e épico nas configurações e nos movimentos da sociedade, em suas modulações nacionais e universais. Aí manifestam-se alguns dos momentos mais surpreendentes da criatividade e originalidade do que poderia ser a latino-americanidade, contribuindo para o esclarecimento e o encantamento.

---

<sup>40</sup> Cesar Fernandez Moreno (Coordinación), América Latina en su Literatura, Siglo Veintiuno Editores – Unesco, México, 1972; Isabel Aretz (Relatora), América Latina en su Música, Siglo Veintiuno Editores – Unesco, México, 1977; Damián Bayón (Relator), América Latina en sus Artes, Siglo Veintiuno Editores – Unesco, México, 1974; Roberto Segre (Relator), América Latina en su Arquitectura, Siglo Veintiuno Editores – Unesco, México, 1975; Manuel Moreno Friginals (Relator), África en América Latina, Siglo Veintiuno Editores – Unesco, México, 1977; José Maria Arguedas, Formación de una Cultura Nacional Indoamericana, Siglo Veintiuno Editores, México, 1977; Leopoldo Zea (Coordinación), América Latina eu sus Ideas, Siglo Veintiuno Editores – Unesco, México, 1986.

Aos poucos, no curso da história e dos acontecimentos, dos ciclos de euforia e decepção, cada país, e todos em conjunto, são pensados, taquígrafados e cartografados, vertebrados e invertebrados, múltiplos e polifônicos. É assim que cada um e todos adquirem fisionomia, expressão e movimento; oscilando entre a realização e a promessa, entre o manifesto e o recôndito, o visível e o invisível. Resta sempre o desafio diante de cada um e todos, no sentido de formular o melhor nome, o conceito mais preciso, a metáfora mais fina. Cada um e todos buscando apreender o mistério da alegoria escondida na história e geografia.

É assim que a América Latina existe, torna-se realidade e configura-se, sem nunca parecer completa, realizada; revelando-se um processo histórico-social e cultural de vastas proporções, com o qual germinam novas e surpreendentes formas de modernidade, promovendo o desencantamento do mundo; e propiciando o seu reencantamento.